EQUADOR

Lasso desiste de disputar nova eleição

Após dissolver o Congresso e evitar julgamento político por denúncias de corrupção, presidente avisa que não aceitará a indicação de seu nome como candidato do pleito de 20 de agosto. Especialistas veem fortalecimento da centro-direita

» RODRIGO CRAVEIRO

Dezesseis dias depois de se antecipar a um julgamento político que poderia lhe custar o cargo, dissolver a Assembleia Nacional e convocar eleições gerais antecipadas, o presidente do Equador, **Guillermo Lasso**, abriu caminho para o fortalecimento da centro-direita. Em vídeo divulgado por meio do Twitter, o líder anunciou a desistência da disputa por mais quatro anos no comando do Palácio de Carondelet, em Quito. "Não aceitarei a nomeação para ser candidato à Presidência da República nas próximas eleições de 20 de agosto. Faço isso com um profundo amor pela democracia e por respeito a vocês, cidadãos", declarou. "Quando decretei a dissolução da Assembleia Nacional, disse o que repito agora: é uma decisão que me permite devolver aos cidadãos o poder de eleger um novo presidente e uma nova Assembleia Nacional."

Até o fim do mandato, em dezembro, Lasso se comprometeu a trabalhar "o dobro" pelos equatorianos, "pelo bem-estar da população e pela prosperidade" do país. "Tudo o que eu tinha previsto fazer em dois anos farei o meu maior esforço para poder cumpri-lo nos próximos seis meses", concluiu, em um pronunciamento de apenas 76 segundos. Mais tarde, em discurso na sede do Executivo, disse que o anúncio é fruto de uma "reflexão profunda". "Este não é, nem de longe, um ponto final", avisou o presidente, que enfrentava acusações de corrupção. "Para mim, não faz sentido fazer campanha quando o país precisa que eu me dedique aos cidadãos, quando ainda há metas a alcançar e desafios a superar", justificou-se.

Em entrevista ao **Correio**, especialistas do Equador avaliaram que a renúncia de Lasso à corrida eleitoral debilita o correísmo — a vertente da esquerda apoiada pelo ex-presidente Rafael Correa (2007-2017), exilado na Bélgica e sentenciado a oito anos de prisão por corrupção. A reportagem entrou em contato com a assessoria de Correa e obteve a resposta de que ele não comentará o anúncio do atual chefe de Estado.

André Benavides, advogado constitucionalista baseado em Quito, afirmou que a decisão do presidente era aguardada. "Acredito que o momento político do governo e os problemas do país não dão condições para a postulação da candidatura de Lasso", observou. Ele entende que a ausência de Lasso do pleito evitará a "atomização do voto dos contrários ao correísmo". "Isso permitirá ter um candidato de consenso da direita para enfrentar o correísmo", explicou.

Também advogado constitucionalista na capital equatoriana, Gonzalo Muñoz considera o gesto de Lasso como um "ato de desprendimento". "Isso fortalece a unidade da tendência de centro-direita. Sob o meu ponto de vista, é uma ação absolutamente positiva. O correísmo se beneficiaria de um cenário com vários candidatos, algo que se evita com a renúncia eleitoral de Guillermo Lasso."

Para Mario Prado Mora, advogado e especialista em direito público de Quito, admitiu que, após a atribuição constitucional de Lasso de dissolver o Congresso, os setores políticos se desequilibraram diante de uma situação inédita, para a qual não estavam preparados. "Uma das dúvidas foi se Lasso se apresentaria como candidato para terminar seu mandato. No entanto, ele foi muito cauteloso ao lidar com o tema da reeleição. Ainda que tenha acenado que não disputaria a reeleição, em entrevistas à imprensa internacional, ele manteve o diálogo até o dia de hoje", disse.

Mora lembrou que as opiniões sobre a candidatura de Lasso estavam divididas. "Alguns analistas sustentavam que, frente à proliferação de candidatos e à fragmentação da tendência de direita, o presidente partiria com uma votação dura de 18%, que seria suficiente para entrar na disputa. Outros, no entanto, argumentavam que a candidatura enfraqueceria a centro-direita. Nessas circunstâncias, a decisão de não concorrer nas eleições é positiva para seu espectro político."

Popularidade em queda vertiginosa

A aceitação do presidente Guillermo Lasso caiu para apenas 10%, de acordo com pesquisa realizada pela empresa privada Perfiles de Opinión. Por sua vez, a popularidade da Assembleia Nacional do Equador despencou para 2%, no começo de maio. Apesar da violência ligada ao narcotráfico e da instabilidade política, o Equador se mantém calmo depois da dissolução do Parlamento, justamente pelo fato de o Legislativo não gozar de credibilidade.

Evaristo Sa/AFP



Guillermo Lasso deixa o Palácio do Itamaraty depois da cúpula com líderes sul-americanos, em 30 de maio passado

TRAGÉDIA NA ÍNDIA

Acidente entre trens mata 207 e fere mais de 900

Pelo menos 207 pessoas morreram e mais de 900 ficaram feridas em um acidente ferroviário envolvendo vários trens no estado de Odisha, no leste da Índia. Testemunhas e autoridades locais contaram aos meios de comunicação que o trem de passageiros Coromandel Express e uma locomotiva de carga colidiram perto de Balasore, a cerca de 200km da capital do estado, Bhubaneswar. Um segundo trem de passageiros também se envolveu no acidente, segundo o secretário-chefe (cargo equivalente ao de governador estadual) de Odisha, Pradeep Jena.

"Cerca de 850 pessoas feridas foram enviadas para hospitais e pelo menos 80 mortes foram confirmadas até agora", declarou à agência France-Presse (AFP) Pradeep Jena. Horas depois, no entanto, ele atualizou os números. Um dirigente da polícia de Balasore explicou que muitos feridos se encontravam em estado grave. Até o fechamento desta edição, acreditava-se que dezenas de passageiros estavam presos sob os vagões.

Um sobrevivente afirmou aos repórteres de uma televisão local que dormia e, quando cordou, viu-se preso entre uma dezena de passageiros. Conseguiu sair se arrastando, e ficou ferido no pescoço e no braço. Outra emissora exibiu imagens de um vagão tombado e de pessoas que tentavam retirar as vítimas.

Amitabh Sharma, diretor-executivo da Indian Railways, disse à AFP que dois trens de passageiros "estão envolvidos no acidente" e que o "terceiro trem, que estava estacionado no local, também". "É difícil para nós estabelecer com exatidão os números de vítimas e feridos", acrescentou Sharma. Anil Kumar Mohanty, médico de Balasore, explicou que "médicos e auxiliares" foram enviados ao local do acidente.

Ambulâncias

"Esperamos que as operações de resgate continuem pelo menos até amanhã (hoje) pela manhã. De nossa parte, preparamos todos os grandes hospitais públicos e privados, perto do local do acidente, na capital estadual, para atender os feridos", ressaltou SK Panda, porta-voz das autoridades estaduais. Ele acrescentou que "75 ambulâncias" foram enviadas ao local, assim como "muitos ônibus" para transportar os passageiros feridos e os sobreviventes. O primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, disse que estava "angustiado" pelo acidente. O ministro de Ferrovias, Ashwini Vaishnaw, declarou que estava a caminho do local da catástrofe e destacou que "a força aérea" também foi mobilizada.

Twitter



Imagem de vídeo mostra pessoas sobre vagão tombado, em Odisha

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Tinha pedras no caminho da Unasul

Afora as controvérsias internas decorrentes da acolhida a Nicolás Maduro e das declarações feitas sobre a Venezuela, o presidente Lula topou com dificuldades políticas na reunião de chefes de Estado e de governo da América do Sul, que Brasília sediou na semana que termina. Em especial, ficou fora do comunicado final a menção, desejada pelo governo brasileiro, ao relançamento da Unasul.

A presença dos líderes de 10 dos 11 vizinhos do subcontinente — o Peru, mergulhado na instabilidade política, enviou representante — foi a metade cheia do copo, para Lula. Na metade vazia, a resistência oferecida por colegas à Unasul. Foi o caso, em especial, do presidente do Chile, Gabriel Boric, que fez questionamento claro a iniciativas de integração "com viés ideológico", alinhado "aos governantes de turno".

Ao lado do uruguaio Lacalle Pou, Boric foi um dos presidentes que questionaram o anfitrião diretamente, em sessão oficial da cúpula, sobre a apreciação que fez a respeito de um "duelo de narrativas" em torno da situação venezuelana.

Pouco amigos

O presidente chileno, eleito por uma coligacão de esquerda, fez questão de postar em suas redes sociais o teor de seu pronunciamento, no qual cobrou dos colegas um padrão comum de abordagem para questões relacionadas à democracia. Quanto às iniciativas de integração regional, sinalizou que seu governo seguirá a estratégia traçada para o país pelos governos anteriores, por cima de diferenças ideológicas: o Chile prioriza a Aliança do Pacífico e tem como pedra fundamental os acordos individuais de livre-comércio que têm com os EUA e outros parceiros.

Por ironia, Boric e Pou acabaram dando aval à avaliação feita pelo próprio Lula ao fim do encontro: de que uma reunião de presidentes não é "uma conversa de amigos".

Tijolo quente

A África do Sul busca internamente uma fórmula legislativa que a permita receber o presidente da Rússia, Vladimir Putin, para um encontro entre os líderes do Brics, previsto para agosto. Indiciado pelo Tribunal Penal Internacional e acusado de crimes de guerra cometidos na Ucrânia, Putin é objeto de mandado internacional de prisão. Como signatária do tratado que estabeleceu o TPI, a África do Sul está obrigada a cumprir a determinação.

Uma das opções em estudo pelo governo de Pretória é alterar a legislação de maneira a permitir exceções à norma do tribunal sediado em Haia. No caso de Putin, a base da justificativa seria o fato de o convite formal ao presidente russo ter sido formulado antes da expedição do mandado. O impasse frequentou a agenda dos chanceleres dos cinco emergentes, reunidos na África do Sul — com imunidade — para discutir preparativos da cúpula.

Até por conta dos esforços do presidente Lula para articular um processo de paz para a Ucrânia, a diplomacia brasileira já admiiu que a ordem do TPI é um embaraço para qualquer convite a Putin para que visite o Brasil. Desde março, ele não esteve em nenhum país que integra o tribunal.

A carroça e o boi

A situação criada pela ordem de captura contra o presidente russo frequenta também as preocupações do colega francês. Emmanuel Macron tem destoado do apoio irrestrito dos parceiros europeus e dos EUA ao esforço militar da Ucrânia, ao ponto de demonstrar abertura a uma iniciativa de paz patrocinada pela China, à qual também o Brasil procura se acoplar.

Comentando o impasse em torno de Putin, Macron ponderou que, embora deseje "vê-lo na prisão", considera prudente que o esforço para prendê-lo seja sustado, em nome de uma possível negociação. Sob o risco, argumentou, de que esteja fora do processo "a única pessoa que pode negociar" pelo lado russo.

Entre a diplomacia e o rigor da lei, governantes divergem sobre qual é a carroça e qual é o boi.